

Perspectiva filosófica, Recife, v. 52 n. 3 (edição especial) (2025): Filósofas Analíticas Brasileiras. Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 0104-6454. DOI: <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2025.268920>

Submetido em: 17 ago. 2025
Aceito em: 16 out. 2025

ENTREVISTA: Janyne Sattler

Interview: Janyne Sattler

Janyne Sattler¹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Evelyn Erickson²

Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC)

RESUMO

Entrevista com Janyne Sattler sobre sua escolha pela Filosofia, sua percepção tardia da sub-representação feminina no campo filosófico, e sua leitura ético-política de Wittgenstein. Discute-se sobre a alegada despolitização da “filosofia analítica”, a necessidade de combate ao colonialismo intelectual na academia, e a importância da diversificação curricular — ponto no qual é mencionado o projeto “Uma Filósofa por Mês”, assim como a atuação de Sattler como presidenta da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF).

Palavras-chave: mulheres na filosofia. entrevista. filosofia no brasil.

ABSTRACT

An interview with Janyne Sattler about her choice of philosophy, her belated realization of the underrepresentation of women in the field, and her ethical-political reading of Wittgenstein. The interview discusses the alleged depoliticization of “analytical philosophy”, the need to combat intellectual colonialism in academia, and the importance of curricular diversification—a point that also includes mention of the “Um Filósofa por Mês” [One Woman Philosopher per Month] project, as well as Sattler’s role as president of the National Association of Graduate Studies in Philosophy (ANPOF)

Keywords: women in philosophy. interview. philosophy in brazil.

SOBRE A ENTREVISTADA

¹ E-mail: janynesattler@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4342-4327>.

² E-mail: evelyn.f.erickson@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7710-8245>.

Janyne Sattler é atualmente professora na UFSC e membro permanente do Programa de Pós-Graduação da mesma instituição. Ela é a atual presidenta da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), da qual também compõe o núcleo de sustentação do GT Filosofia e Gênero. É coordenadora do Grupo de Estudos em Reflexão Moral Interdisciplinar e Narratividade (GERMINA) e do Projeto Integrado de Pesquisa e Extensão Uma Filósofa por Mês, e é também bolsista de produtividade do CNPq com o projeto “Uma política feminista do texto, da escrita e da linguagem”.

Entrevista conduzida por Evelyn Erickson ao vivo no dia 17 de agosto de 2025, em Viena, Áustria, e editada para oferecer clareza e concisão.

ENTREVISTA

Evelyn - Você poderia comentar sobre por que você escolheu cursar Filosofia e por que continuou seus estudos na área?

Janyne - A Filosofia nem era a minha primeira escolha, na verdade. Era Letras. Eu tive a oportunidade de mudar de curso, mas logo no primeiro semestre eu já não quis, porque eu achei que a Filosofia era aquilo que estava respondendo minhas angústias, de fato. Não era mais Letras. Eu acho que num certo sentido eu me senti confortável dentro da Filosofia; ela me possibilitava pensar muito mais coisas do que a Letras teria me possibilitado pensar. Talvez algo que tem a ver com essa resposta de angústias começa com o apelo político e ético da Filosofia, que me chama. Talvez as questões que mais me importavam tentar entender e responder tinham a ver com aquilo que agora está urgente, que são as questões climáticas. Isso está lá no meu livro,³ inclusive. Acho que foi isso, o modo como a filosofia respondeu algumas dessas questões para mim. E olha que naquele momento ainda era uma filosofia super canônica, formativa, e nesse sentido bem tradicional. Mas mesmo assim me pareceu que estava muito mais próxima do que eu queria fazer com essa formação do que a Letras me possibilitaria. Ademais, eu me lembro que logo desde o primeiro semestre eu tive oportunidade de fazer uma ponte com a literatura. Eu participava de um grupo em que se investigava as questões filosóficas na poesia de Fernando Pessoa. Já desde o início, essa relação se estabeleceu, e para mim foi ótima. Então, eu fiquei na Filosofia. E era o modo

³ Janyne Sattler. O que sabia ela de ser Filósofa? Florianópolis: Editora Folha, 2024.

como a filosofia ficava o tempo todo falando comigo nesse sentido de pensar questões de literatura, de pensar questões de linguagem, de pensar questões políticas. Então, isso esteve comigo presente nesse primeiro momento de formação.

Evelyn - Um efeito conhecido das disciplinas de “exatas” (STEMs, em inglês *Science, Technology, Engineering, and Mathematics*) é o que em inglês se chama de *leaky pipeline*, ou tubulação furada, que descreve o fenômeno de muitas mulheres ingressarem nos cursos de graduação, mas proporcionalmente menos mulheres chegam as etapas mais avançadas de carreira como concluir um doutorado ou ingressar efetivamente na profissão. É sabido também que nesse aspecto sociológico a Filosofia é mais similar às disciplinas de exatas do que as de humanas. Você consegue reconhecer esse fenômeno durante a sua formação?

Janyne - Aí tem uma questão que eu só me dei conta muito tarde, vergonhosamente tarde. Eu não me fiz pergunta nenhuma sobre se eu podia estar na Filosofia ou não podia. Nenhuma. Em nenhum momento me passou pela cabeça que eu não podia, por causa do meu gênero, estar ali ocupando aquele espaço. Que eu não podia investigar as coisas que eu queria investigar. Que eu não podia falar o que eu queria falar em sala de aula, por exemplo. Nunca, nunca deixei de falar nada em sala de aula. Nunca me senti num lugar em que eu não pudesse me expressar nesse sentido. No mestrado foi a mesma coisa, por exemplo. Tive uma formação em que eu me sentia livre para falar.

Mas isso é uma coisa muito interessante, porque talvez tenha sido a minha ignorância a respeito da minha própria condição. Ou, né, eu digo que eu, às vezes, não sei se fui muito ingênua ou muito sortuda de que as coisas tenham se passado tão bem. E acho que ingênua de não me dar conta de que, por exemplo, isso poderia ter efeitos sobre mim: sobre a carreira, sobre o que as pessoas pensavam, sobre o que eu tava dizendo, as perguntas que eu estava fazendo, o modo como eu me colocava em sala de aula. Eu nunca me senti impedida, e isso é muito curioso porque eu sei dos impedimentos, mas nunca me senti impedida de pensar o que eu queria pensar, de falar o que eu queria falar, de me posicionar em relação a alguma coisa. Inclusive em termos de fazer perguntas, às vezes, muito provocativas ou incômodas. Mas eu digo isso também porque talvez isso seja um caso de exceção, entende? E é um caso de exceção que talvez se enquadre naquela

expressão da Naomi Scheman, “homem honorário”.⁴ A gente está ocupando um espaço na Filosofia, e ela fala dela mesma nesse sentido, como um homem honorário, como se a gente recebesse uma “carteirinha de homem”. E aí, nesse momento, é como se nos dissessem “a gente te considera o homem que vai ocupar esse espaço aqui, deixa quieto o negócio do gênero, você é um homem honorário”. E eu acho que, no meu caso, isso explica um pouco porque a minha passagem foi um pouco assim, de não ter sentido as dificuldades que eu sei que são quase constantes. Então, um pouco de ingenuidade, talvez, um pouco de teimosia, um pouco pelo meu próprio comportamento tenha facilitado um pouco as coisas.

Evelyn - E quando foi que você percebeu que não era tão comum para mulheres a profissão de professora de filosofia?

Janyne - Vergonhosamente, de novo, foi só quando eu passei no concurso em Santa Maria, em 2012, quando eu mesma me tornei professora. E aí todas essas coisas, eu precisei fazê-las em retrospecto. Eu acho que para mim nunca foi difícil nesses termos de dificuldade cotidiana na lida na filosofia, talvez pelo meu comportamento. Ao mesmo tempo, eu sempre li mulheres. Na literatura, a primeira coisa que eu li foi mulheres. De alguma forma, talvez isso já estivesse bastante presente na minha própria formação mais autodidata. Eu lia mulheres na literatura, aí comecei a ler comentadoras, por exemplo. Logo na minha formação com a iniciação científica, em Wittgenstein. Eu comecei a ler comentadoras, que me diziam muito mais a respeito de Wittgenstein do que os comentadores homens, então aquilo fazia mais sentido para mim. No mestrado, mas sobretudo depois, no doutorado. Eu li mulheres comentadoras e filósofas que têm um background wittgensteiniano. E aí, no fim das contas, essas mulheres sempre estiveram presentes na minha jornada acadêmica. Mas de um modo muito individual, o modo como eu sempre estive lendo essas pessoas. E aí eu fui para Santa Maria, em 2012. Lá, onde eu fui a primeira mulher a entrar no departamento, o choque simplesmente se deu e caiu tudo. Foi realmente um choque, porque aí bateu a pergunta. *Como assim?* Ser a única mulher de um quadro de 20 professores. A primeira a entrar aqui no departamento como uma professora de filosofia, e não da área da pedagogia. Da filosofia. Foi então que eu tive que sentar com os meus botões e fazer esse retrospecto, pensar assim o quê? Quantas professoras eu tive na

⁴ Em “Feminist epistemology”, traduzido para o português por Rafaela Missaggia Vaccari e Gisele Dalva Secco, IDEACÃO 1 (42), 2020. DOI 10.13102/ideac.v1i42.5058.

minha formação? E aí eu fui lá contar nos meus dedos quantas eram. A minha orientação nunca foi com mulheres. Quem que eu tinha visto no currículo de filosofia que eram mulheres? Eu tinha visto a Hannah Arendt, com uma professora. Mas porque fazia parte do currículo naquele momento, e eu tinha sabido da Heloísa, por causa do Abelardo estudando Filosofia Medieval. E isso é impressionante, porque eu consigo nomeá-las especificamente. Apenas estas.

Por isso que eu precisei parar tudo, meio que parar tudo mesmo que eu estava fazendo, e me voltar para a Filosofia Feminista, me voltar para a Teoria Feminista, porque eu precisava entender o que estava acontecendo. O que tinha acontecido comigo, na minha trajetória? Como é que eu tinha chegado até ali, sem que meu mundo desmoronasse ao meu redor? E como é que eu não tinha me dado conta de tudo isso ao longo do caminho? Eu não me dei conta. Mas, justamente, nesse retrospecto, eu comecei a me dar conta dos assédios que eu tinha sofrido, que até aquele momento não tinham tido esse nome pra mim. Tinham sido compreendidos como incômodos, mas eu nunca tinha me colocado a questão de “Ah, aquilo tinha sido um assédio”, “Ah, isso que eu estou sofrendo é um assédio”. Não, foi só em retrospecto que eu me dei conta. Porque é terrível mesmo. A gente pensa assim, “meu Deus, que paspalha!” Me lembro de compartilhar um incômodo específico com uma colega sobre os olhares de um professor, os olhares sobre os decotes das gurias. Mas naquele momento, isso não se impôs como se fosse um problema que eu deveria ter resolvido naquele momento. Ficou um incômodo. E ele ficou aí, né? E aí é que depois, é que eu fui me dar conta: talvez naquele momento eu devesse ter feito algo.

Evelyn - Você se intitula “filósofa” ou “professora de filosofia”, se é que faz distinção entre essas duas categorias.

Janyne - Quando eu passei no concurso de Santa Maria, e me tornei docente do departamento, eu me lembro da primeira vez em que eu fui preencher um formulário em que estava escrito “profissão”, e isso sempre tinha sido um problema danado. E aí, pela primeira vez, eu consegui escrever uma profissão decente, que era professora universitária. Aí eu falei, “Que alívio” [risos]. Mas aí, com todo esse aprendizado que desde Santa Maria eu vim construindo, eu tenho usado *filósofa* de propósito para fazer a marcação definitiva de que aquilo que a gente está fazendo é uma filosofia como uma atividade legítima da nossa parte.

Deixa eu fazer um parênteses: não é que haja um grau de importância em relação à profissão de professora universitária, professora de filosofia e a filósofa. Não é por aí, mas é simplesmente o fato de que, como as filósofas sofreram todo esse apagamento ao longo de toda a história, acho que é importante que a gente se intitule assim para marcar definitivamente o nosso território agora. Então, nesse momento, tenho plena certeza de me colocar como filósofa.

Evelyn - É ainda comum que as pessoas se formem em filosofia sem ter tido muitas professoras mulheres, um problema mais acentuado nas subáreas que de certa forma representam muito do que se entende por “filosofia analítica”. Quantas professoras de filosofia você teve ao longo de sua formação? Alguma delas era “analítica”?

Janyne - Eu acho que eu tive em torno de cinco, seis professoras. Foi bastante. No momento em que eu estava na formação de graduação na UFSC e no mestrado, eu tive bastante professoras. Depois, algumas saíram, inclusive, se mudaram ou se aposentaram. Mas, naquele momento, eu tive bastante professoras, considerando os números comuns na filosofia, claro. Naquele momento, foi mais ou menos isso. Nenhuma da área da analítica, elas eram da história da filosofia, da educação, filosofia, da metafísica.

Evelyn - A distinção entre filosofia analítica e continental é historicamente recente e, em muitos níveis, artificial. Existem muitas críticas sobre o significado e papel dessa distinção, visto que por vezes ela gera uma rivalidade desnecessária entre tópicos que poderiam convergir muito positivamente. A distinção é também falha ao delimitar um tipo de filosofia metodologicamente, e o outro geograficamente, e a desilusão com essa distinção pode acabar aparecendo cedo ou tarde. Em que momento você descobriu que essa distinção existia, por exemplo? Como você entende essa distinção e seu papel, se há algum, para estudantes ingressantes no curso de Filosofia?

Janyne - Com Wittgenstein. Como Wittgenstein é o meu filósofo de formação, eu estive muito próximo de toda essa tradição analítica por causa de Wittgenstein. No entanto, eu tenho uma particularidade, que é o fato de que eu leio Wittgenstein a partir da ética e da política. E isso acho que embaralha um pouco essa distinção. No entanto, claro, tem filosofia política analítica na política, mas às vezes me parece insuficiente. De alguma forma, embora eu soubesse que

estivesse participando dessa tradição de filosofia analítica, desde cedo, alguma coisa já não me soava bem. Ou me soava confusa, porque eu pensava, isso que estou fazendo em Wittgenstein é de fato filosofia analítica? O que estou fazendo com Wittgenstein, é de fato um tipo de exegese em termos de análise de conceitos? É isso que estou fazendo? Uma parte do trabalho, acho que era o que estava fazendo. Uma outra parte do trabalho era tentar ultrapassar essa ideia da mera análise para ver suas implicações ético-políticas. E a ideia das implicações ético-políticas tinha muito mais a ver, por exemplo, com filosofia prática, não com filosofia analítica. Então, um pouco por causa desse meu movimento dentro e fora, com ética e política, tendo esse horizonte de implicações práticas e de envolvimento prático com a própria política ou com Wittgenstein, essa distinção sempre soou muito sem sentido para mim. E em um determinado momento, me pareceu que aquilo que muitas pessoas estavam fazendo, por exemplo, com metaética, era algo cujas implicações práticas que eu estava almejando estavam sempre muito fora do horizonte. Fiquei me perguntando para que serve esse tipo de análise conceitual no escopo político da pesquisa. Então, a pergunta era: para que serve a filosofia analítica nesse tipo de área com a qual eu estou me envolvendo? E aí não me parecia que ela tivesse realmente um propósito que tivesse a ver com aquilo que, desde o começo, me fez ficar na filosofia, as implicações práticas e políticas. Até o ponto em que eu simplesmente me afastei de toda a conversa com a filosofia analítica: eu parei de participar de encontros, parei de ler trabalhos, tanto em metaética, quanto na epistemologia, quanto acerca do próprio Wittgenstein. Eu me afastei disso um pouco pela falta de propósito que me parecia que estava vinculada ao modo de compreensão da filosofia na ética principalmente, por um lado, e, ao mesmo tempo, pelo desconforto com a própria necessidade de traçar essa distinção como algo que talvez tenha a ver com as implicações ou a falta de implicações do trabalho filosófico. Agora estou me perguntando uma outra coisa aqui. Talvez tivéssemos que ver, inclusive, quais são os propósitos de fundo da tentativa de manutenção dessa distinção de “filosofia analítica” e “filosofia continental”, entre aspas. Estou colocando aspas porque é aquilo que continuamente estamos falando. Mas talvez a ideia seja a gente se perguntar os propósitos da própria distinção e que, na minha compreensão, têm implicações políticas também. Que é, por exemplo, o próprio

desengajamento de parte da comunidade filosófica com questões que são importantes.

Evelyn - Você perguntou na época o porquê que serve a análise conceitual na ética e na política. Acho uma ótima pergunta, porque o uso da análise conceitual como ferramenta surgiu num ambiente na filosofia em que era politicamente engajado, né? Hoje em dia tenho estudado um pouco mais sobre a história da filosofia analítica, e o que a gente chama de filosofia analítica é basicamente o Círculo de Viena, mais a escola de análise de Cambridge. E as figuras lá também eram engajadas politicamente. No final, a versão que foi legada a nós é uma versão despolitizada. Não é que não surgiu assim, ela surgiu política e se despolitizou. Talvez tenha um movimento em retomada desse significado político da filosofia analítica.

Janyne - Pode ser. E é curioso isso de que... Não só pro Brasil, né? Uma discussão recente que tive me parece trazer um dado que vai nessa direção, de que talvez esse legado de uma filosofia analítica, supostamente desengajada ética e politicamente, seja resultado de uma outra compreensão de fundo, que tem a ver com o próprio conceito de filosofia, como uma empreitada de busca pela Verdade, uma compreensão sobre a qual eu ouvi bem recentemente. E que, justamente nesse sentido, independeria de qualquer localização, posição e engajamento político. Então, é possível que a compreensão do próprio conceito de filosofia informe também o modo como a gente pensa o traçado dessa distinção ou o legado dessa distinção, não contextualizado, inclusive, que deixa essa impressão errônea, falsa, de que a filosofia analítica é desengajada e erradicada do mundo concreto da vida. Porque parece isso, às vezes.

Evelyn - Muitos desses projetos sobre a história da filosofia analítica visam retomar o trabalho de várias mulheres que estavam engajadas na filosofia analítica e engajadas politicamente e que foram, por algum propósito e alguma engenharia excluídas do cânone desta tradição. No modo como se fala da filosofia analítica hoje, o leitor desinformado vê uma figura totalmente discrepante do que era a sua origem. Hoje em dia, quando a gente recupera a noção de quem estava em diálogo com quem, é uma história muito mais rica do que a que a gente lê no manual, de que havia grandes homens pensando grandes coisas. Para então encerrar esse tema: Wittgenstein foi uma figura central para o desenvolvimento do Círculo de

Viena dado que o *Tractatus* foi alvo de intenso escrutínio do grupo. Sabemos também que mais tarde Wittgenstein veio a rejeitar muitas das ideias ali expostas. Considerando sua pesquisa, você encaixaria o Wittgenstein como filósofo analítico ou continental nos rótulos que a gente atribui hoje em dia?

Janyne - [risos]

Evelyn - Nós elaboramos essa questão assim: se Wittgenstein, que era o filósofo analítico “de carteirinha”, já que inventou tudo isso, nem era analítico, que sentido faz essa distinção? Parece que no final da vida ele teria totalmente repudiado isso; ele não quer ter nada a ver com isso de análise. E ainda assim parte do legado da filosofia analítica nesse rótulo, que é mantida para respeitar a filosofia que foi ali formulada no *Tractatus*. Tem um pouco ainda de “vamos continuar lendo isso do jeito que foi escrito”.

Janyne - Porque as pessoas entenderam o *Tractatus* totalmente errado. A ideia de análise da linguagem está, obviamente, lá no *Tractatus*. Mas quais são os propósitos da análise da linguagem, pelo que está no *Tractatus*? É nos libertar dessa filosofia que supostamente busca essa verdade. E a libertação é o que? A libertação que a gente tem no *Tractatus* não tem nada a ver com isso que a gente chama de filosofia analítica. Não, é outra pegada. A preocupação dele com a análise da linguagem é pra nos dizer assim, bom, vamos agora separar aquilo que é da ordem proposicional e que vai ficar pro escopo da ciência e da vida ordinária, do resto, que não pode ser falado. Aquilo que não pode ser dito, mas mostrado, fica lá para todo um outro escopo de atividade, que é arte, é literatura, é a vida como um todo, a vida mística, do jeito que a gente quiser entender. E a filosofia faz o quê? Ela só faz isso. [Janyne separa com as mãos o espaço à sua frente.] Pára de ficar insistindo na proposicionalidade disso que não cabe na proposicionalidade. Essa é a única atividade de análise da filosofia. Quando se fala de análise da linguagem, é pra isso que serve a análise da linguagem e não para ficar para sempre nessa conceituação que a gente agora toma como filosofia analítica. Nesse sentido, Wittgenstein só aparece como filósofo analítico porque entenderam errado aquilo que ele estava dizendo sobre a análise da linguagem. E isso vale para as Investigações depois também. De um outro jeito, mas vale. Entenderam tudo errado.

Evelyn - Eu adorei essa da proposicionalidade, de não encaixar o que não é proposicional. Excelente, eu já vou até citar. [Janyne ri.]

Janyne - O pessoal tem essas duas interpretações do *Tractatus*, dos resolutos e dos não-resolutos. Tem aquela galera que fica se agarrando na escada no final do *Tractatus*. É isso. *Não, não, não, pera lá*. É pra jogar fora essa porcaria dessa escada. Por isso que digo que é uma interpretação equivocada, porque quando a gente realmente entendeu qual é o propósito do que está em jogo no *Tractatus*, o que se trata de fazer é realmente abrir mão desse modo de investigação filosófica. Abrir mão. Só que o que as pessoas fazem é justamente o contrário, parecem insistir numa continuidade do método analítico pelo próprio método analítico e não pelo propósito de libertação que está presente aí, que é o propósito de libertação dos problemas da filosofia, como está colocado lá, que são ilusórios, porque a gente não entendeu como a linguagem funciona, então eles são ilusórios. As pessoas que continuam insistindo no método pelo método, elas continuam presas na ilusão provocada pela filosofia e pelo modo de funcionamento da linguagem.

Evelyn - O que você pensa sobre a formação de filósofas analíticas no Brasil? Existe alguma dificuldade específica para que mais mulheres integrem as áreas mais próximas ao que se considera filosofia analítica (entendida aqui como filosofia da mente, filosofia da linguagem, filosofia da lógica)?

Janyne - Talvez isso se relacione com a descrição da filosofia analítica como do método pelo método, mero método. Eu não quero generalizar, mas talvez haja alguma coisa como um sintoma de que, quando a gente entende questões de gênero, quando a gente entende questões de localização política, moral, localização nos termos de uma acepção epistêmica, a gente compreende que essa ideia da análise pela análise, do método pelo método, não faz sentido. E talvez tenha sido isso, o sentimento sobre o qual eu falava no início, que me fez ir para outros vários caminhos diferentes, e depois juntar um pouco as coisas. Isso pode criar um certo tipo de aversão da nossa parte. Por que a gente quer se engajar num negócio, numa empreitada que não parece querer dizer nada, que fica centrada nela mesma, que gira em torno dela mesma, simplesmente? Quando a gente se dá conta dessas localizações, talvez haja realmente poucas mulheres, sendo formadas nessa suposta tradição da filosofia analítica no Brasil. Talvez isso comece a mudar

um pouco de figura agora, mas a verdade é que até há pouquíssimos anos a gente poderia dizer que há ou havia uma escassez de mulheres na área da epistemologia como um todo, mas na área da filosofia analítica em particular.

Eu me lembro de que eu estava organizando uma obra sobre Wittgenstein⁵ e eu queria incluir mulheres e aí eu me dei conta de que eu conhecia, sei lá, um punhadinho de mulheres e que nem todas elas eram especialistas no *Tractatus*, e que tinha tipo eu e mais uma. E aí eu pensei, opa, tem um problema gigantesco aqui, como assim? A Beatriz [Sorrentino] e eu já havíamos aventado algumas coisas nesse sentido. Tem algo muito próprio da filosofia analítica que parece tirar as filósofas desse espaço. E me parece que uma das possibilidades de diagnóstico é essa: os nossos propósitos são muito mais localizados do que a compreensão de filosofia analítica à qual me refiro parece nos possibilitar. Por isso a gente vai para outro lugar na filosofia, vai para outra área da filosofia, vai para outras intenções com a filosofia. Mas acho que isso tem começado a mudar, sobretudo com os movimentos mais recentes, e que incluem algumas ações, tanto a criação da própria Rede Brasileira de Mulheres Filósofas,⁶ os GTs [da ANPOF] mais específicos sobre gênero e história das mulheres na filosofia, onde as coisas começam a ser tratadas de um modo mais plural, a abertura para essa pluralidade, acho que esse movimento do GRIFA⁷ e das pós-graduandas envolvidas na filosofia analítica tem mudado o cenário, porque a gente começa a conversar sobre isso também.

Agora eu também estava pensando num outro dado que talvez possa ser incluído aqui como parte desse diagnóstico, que é e que tem a ver com a questão anterior, que é o fato de que, claro que isso vale para a história da filosofia como um todo, mas em especial para a epistemologia e para a filosofia analítica: a falta de representatividade é enorme. Enorme. A gente não tem as filósofas lógicas, a gente não tem as filósofas epistemólogas no nosso currículo, e essa falta de espelhamento produz uma má compreensão que acontece em outras áreas próximas, como a matemática. Bom, pelo jeito, nós mulheres não temos habilidades o suficiente para estarmos nessa área, né? Não tem uma filósofa na lógica, não tem uma filósofa na filosofia analítica. Então, pelo jeito, isso é uma coisa de homens. A representatividade não é tudo, mas ela é importante. E acho

⁵ Darlei Dall'Agnol, Léo Peruzzo Júnior e Janyne Sattler (org.). *Tractatus 100: Revisitando a obra de Wittgenstein*. Curitiba, Florianópolis: PUCPRESS, EduUFSC, 2022.

⁶ <https://www.filosofas.org>.

⁷ <https://sites.google.com/ufma.br/grifa>.

que isso acrescenta nesse dado da aversão, de que não há possibilidade de diálogo para as mulheres nessa área. O que começa a mudar agora com a revisão sobre quem fazia parte efetivamente dessa história. Até isso também está errôneo. Se a gente começar a ter essas mulheres colocadas de igual para igual com os outros filósofos analíticos, aí a gente vai dizer "Opa, mas então, pera aí, tinha alguém ali que estava fazendo algo que eu também poderia fazer!" Acho que isso pode ser um dado a ser acrescido no diagnóstico.

Evelyn - No seu currículo Lattes você informa que suas áreas de pesquisa são "Ética e Estética em Wittgenstein; Literatura e filosofia; Filosofia feminista; Estudos de gênero e feminismos". Quando e como foi que você determinou que essas eram suas áreas de atuação? Você estudava isso desde o início?

Janyne - Não, não, não. Não, foram camadas que foram se acrescentando. Eu acho até que eu teria mais uma camada para colocar aí, nesse momento, mas eu coloquei no plural a ideia dos feminismos, então está contemplado também o ecofeminismo. As questões ambientais estão muito presentes para mim nesse momento. Mas, não, foram camadas. Foi Wittgenstein, Wittgenstein e literatura, que foi uma espécie de corolário da minha tese, e a literatura sempre presente na minha vida. E depois, aquilo que eu falei sobre Santa Maria ter mudado, ter sido realmente um divisor de águas na minha carreira. Foi aí que eu comecei a estudar as teorias feministas, as questões feministas na filosofia, história da filosofia feminista, enfim. Foram se gerando camadas de questões nos meus estudos. E eu acho que uma coisa muito importante de dizer é que embora eu tenha acabado me afastando disso que a gente entende como filosofia analítica, foi um convite inusitado da Dudi [Maria de Lourdes Borges] para escrever um capítulo sobre Epistemologia feminista para aquele livro de filosofia feminista,⁸ que deu sentido para aquilo que eu estou chamando de desvio qualificado, essa minha trajetória pela filosofia feminista. Eu não abandonei totalmente Wittgenstein, e as epistemologias feministas me permitiram fazer pontes muito interessantes entre essas duas áreas, a ponto de que eu agora volto a dialogar com a filosofia analítica.⁹ Só que agora, e é por isso que digo qualificado, eu volto com uma outra bagagem, que tem um pouco dessa hermenêutica da suspeita, um ponto

⁸Marcia Tiburi, Susana de Castro, Maria Borges (orgs.). *Filosofia feminista*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2023.

⁹ Janyne acaba de participar do 46th International Wittgenstein Symposium, em Kirchberg am Wechsel, Austria.

interessante, de partida, de complemento, não sei, que é assim: eu realmente me afastei da filosofia analítica porque não era algo que eu estava fazendo ou porque tem essa compreensão de fundo e que não era bem isso que eu desejava fazer. Agora, aquilo que eu estou fazendo neste momento vai estar sendo considerado como filosofia analítica, ou não? Não sei. Mas também não me importa mais que nome se dá pra isso. Sinceramente, não estou nem ligando. Mas a questão é que me parece que eu consegui voltar pra um modo de pensar filosofia, com Wittgenstein e com as epistemologias feministas, que de algum modo é filosofia analítica, embora muito melhor, é talvez uma filosofia analítica muito melhor do que aquilo com o que eu pudesse ter me relacionado lá no início da graduação. Agora eu tenho condições de dizer que talvez eu esteja fazendo um bom trabalho na filosofia analítica. E não antes. E aí, para fechar o comentário do convite inusitado, talvez o que tenha feito a Dudi me convidar pra escrever o capítulo sobre epistemologia feminista, tenha sido a minha inserção com a filosofia analítica e Wittgenstein em específico. E eu me lembro de ter perguntado a ela por que ela queria que eu escrevesse sobre isso, já que eu estava muito mais focada na política feminista, nas teorias políticas com as mulheres... Então eu mergulhei nisso e acabou que fez tremendamente sentido. Ela, que já havia tido intuições parecidas, estava certa. Isso é muito interessante porque me fez perceber, de novo, esse modo por um lado, de detectar os problemas nessa concepção de filosofia analítica, e por outro, de ver que não importa muito o rótulo momentâneo que se dá para tudo isso, de alguma forma, alguma concepção de fundo disso sempre aparece, continua aparecendo na minha trajetória. Eu sei que alguém um dia já falou assim: “Ah, a Janyne, da filosofia analítica”, e alguém respondeu “Mas ela não é da analítica!”. “Mas a Janyne não é da analítica?” Como assim? É muito curioso, porque tem gente que me vê completamente num outro lugar, mas eu acho que não. De novo, um pouco por causa daquela ideia inicial, de que eu estou falando de Wittgenstein a partir de ética e política. “Mas ela não é da analítica”. Mas também não me importa! Só importa quando a gente precisa fazer as demarcações de ocupação de espaço, daí é importante. Pessoalmente pra mim não, mas politicamente é muito Importante.

Evelyn - Eu tenho uma hipótese aqui: se a filosofia analítica começa como um projeto informado politicamente, que de algum modo vai se esvaziando, e

agora a gente volta a preencher esse espaço analítico com essas outras considerações, de fato, agora sim está sendo feita a filosofia analítica de uma maneira mais próxima das suas origens, não é? O projeto do Círculo de Viena era uma filosofia politicamente informada para acabar com o obscurantismo e o pedantismo da própria filosofia.

Janyne - Que é um propósito wittgensteiniano!

Evelyn - E quando a filosofia se torna obscurantista, aí é porque se perdeu, e a filosofia analítica parece que caminha próxima a esse perigo, de ficar uma ferramenta para poucos, quando, na verdade, na origem qualquer um podia aprender essas ferramentas do método analítico e pensar por si só. Essa autonomia do pensamento era parte do projeto político do Círculo de Viena, e isso se perde quando você tem que fazer um certo número de disciplinas na certa área para poder virar “da analítica”.

Janyne - Sem contar a linguagem tremendamente insular da filosofia analítica tradicional. Sinceramente, algumas coisas da área da analítica são quase ilegíveis. E como é que a gente pode pensar nisso como uma ferramenta de autonomia de pensamento?

Evelyn - Uma piada à parte, tenho uma colega que fala que os metafísicos analíticos são os novos escolásticos.

Janyne - [Ri] Nossa, mas é total, é total. Teve umas coisas escabrosas de metaética que eu já li, que eu pensava “Gente, eu não tô entendendo nada, como é que isso vai ter um propósito ético ou ajudar alguém a lidar com alguma questão ética normativa ou aplicada?”

Evelyn - Será que isso é por que Ética e Política não são usualmente associadas com “filosofia analítica”? Lá na origem da filosofia analítica, já se falava que as proposições morais não tinham valor proposicional, enfim, não eram cognoscíveis em um certo sentido, ficavam em outro escopo. A filosofia analítica parece que ainda segue nisso. Embora fosse uma filosofia politicamente engajada, o tema da investigação da ética não era algo que interessava a eles. E parece que isso continua um certo sentido.

Janyne - É... Mas aí, de novo, né? E acho que por isso que o Wittgenstein muitas vezes ficou irritado com o modo como o Círculo de Viena interpretou o *Tractatus*. Porque justamente uma coisa que ele quer fazer é isso: é salvaguardar

esse âmbito da ética e da política, eu diria; mas ele fala sobretudo sobre ética ou moralidade. Salvar a filosofia dessas deturpações que ela mesma produz. Então, não é tirar a importância, é justamente colocar isso num lugar tão grande de importância que se a filosofia se meter lá, ela só vai fazer bagunça. É nesse sentido que ele está tentando salvar isso. E o pessoal do Círculo de Viena, de um modo geral, interpretou Wittgenstein como dizendo que essas estão, nesse sentido, fora da filosofia, não porque elas podem ser mal compreendidas, mal interpretadas pela filosofia, mas porque não se fala delas. Ou não se deve falar delas. Ou a filosofia é sobre essas outras coisas, é sobre a investigação da verdade, da proposição, da sentença, da linguagem. E o que Wittgenstein está dizendo é que a filosofia quando se mete a falar sobre ética, teoria ética, por exemplo - que na verdade para ele é uma contradição em termos, a moralidade se vive, não se faz em termos de teoria - aí a filosofia só faz baderna lá dentro. Por isso esse recurso à literatura, como corolário.

Então, de novo, eu acho que essas releituras sobre o Círculo Viena são muito importantes justamente por conta da percepção de que a própria filosofia analítica não é desengajada politicamente. Isso é uma coisa. Uma outra coisa é o fato de que aquilo que a gente herdou não é justamente essa compreensão do engajamento político que vai de par com a filosofia como um todo. Tanto faz a área da filosofia em que a gente esteja. Ou seja, há que se ver uma coisa sobre o modo como as concepções epistemológicas de fundo informam a filosofia analítica, que tem a ver, por exemplo, com a subjetividade epistêmica. Quem é o sujeito que investiga, quem é o sujeito que pensa, quem é o sujeito do conhecimento, e que talvez estejam presentes no modo mais tradicional de pensar sobre a filosofia analítica, e que aí parecem concordar com essa ideia do horizonte em busca da verdade independentemente de qualquer marcação possível. E parecem concordar também com qualquer desengajamento político. Então, de alguma forma, e isso é o que eu tenho tentado fazer nos últimos tempos, a gente precisa pensar num modo de conceber a subjetividade epistêmica que possa ainda assim embasar essa filosofia analítica. Eu acho que a grande questão que vem pela frente pra nós com essa tarefa política é repensar quem é o sujeito de conhecimento. E aí a gente talvez tenha condições de fazer com que isso, que poderia ser o movimento inicial dessa compreensão de filosofia analítica do Círculo de Viena, reapareça com essa

tonalidade contemporânea. Quer dizer, isso é inescapavelmente político. Não sei, é uma hipótese, mas acho que é um modo de pensar o legado, talvez essa má compreensão sobre o que é filosofia analítica e, por outro lado, o que é que dá para fazer com isso agora que a gente tem condições de perceber esse movimento de localização, de uma epistemologia tradicional que informa essa filosofia analítica e de rever nossas concepções esse sujeito do conhecimento.

Evelyn - Sobre a objetividade, que era um tema interessante para o Círculo de Viena, eles queriam saber como garantir a objetividade. Entre eles havia disputas sobre como você deveria descrever o conhecimento. Isso sim era um tema que os interessava: como relatar de maneira objetiva; e se não vai ser objetiva, como que eu posso contextualizar isso. Eu acho que tem umas perguntas que eles estavam se fazendo com as ferramentas conceituais que a gente tem hoje, tem um diálogo muito possível aí.

Janyne - Sim, sim.

Evelyn - Porque foi uma tradição que também foi quebrada abruptamente. O fim trágico do Círculo de Viena não foi algo que foi legado ao longo do tempo.¹⁰ Foi uma quebra abrupta, em que cada um emigrou para um canto e acabou suas articulações.¹¹ Então, o que ficou foi também muito fragmentado.

Janyne - A questão da objetividade, de fato, ela está presente em toda essa discussão do *Tractatus*, do Círculo de Viena como um todo, e que depois com o Wittgenstein das Investigações Filosóficas, tem uma outra cara totalmente diferente. Esse conceito de objetividade que estava presente, por exemplo, no *Tractatus*, que está ligado à linguagem proposicional, que é a da bipolaridade, o verdadeiro e o falso, isso desaparece nas Investigações. Ou bem, isso é complexificado nas Investigações, e aí a gente sai desse registro. E aí a objetividade ganha uma tonalidade que pode ser, por isso, vinculada a essas novas interpretações das epistemologias feministas. Essa complexificação. Talvez esse imbróglcio sobre o conceito de objetividade tenha feito com que a gente tenha compreendido a filosofia analítica como participante desse movimento de epistemologia tradicional.

¹⁰ Sobre isso, ver: David Edmonds, *The Murder of Professor Schlick: The Rise and Fall of the Vienna Circle*, Princeton University Press, 2020.

¹¹ Sobre isso, ver: Geroge A. Reisch, *How the Cold War Transformed Philosophy of Science: to the icy slopes of logic*, Cambridge University Press, 2009

Evelyn - Estou atualmente lendo um livro sobre o Círculo de Viena,¹² e tenho pensado que parte do que a gente considera filosofia analítica é a filosofia, por exemplo, de filósofos americanos e britânicos que vem para Viena estudar aqui um tempo e depois vão embora: A.J. Ayer, W. V. O. Quine, Ernest Nagel. A gente às vezes pega a analiticidade desses autores, de segunda mão, que não tem necessariamente formação no grupo mas vem, conversam e vão. Eu tenho achado interessante como as ideias do Círculo de Viena vão sendo levadas para outros lugares. Esses filósofos que eu mencionei são figuras fortíssimas na filosofia estadunidense e britânica, por exemplo. E depois marcam bem essa tradição meio anglófona, não sei nem como a gente pode demarcar. Mas vem por essa viagem ao mundo, e eventualmente chega no Brasil também. Eis a pergunta: como você entende falar sobre filosofia analítica no Brasil? É um rótulo que faz sentido? Se não, como que a gente nomearia esse tipo de filosofia feita no Brasil, e que sentido que isso faz, traçar essa genealogia da tradição.

Janyne - Eu acho que tem uma tradição forte de filosofia, de algumas pessoas dentro da filosofia analítica no Brasil. Ou bem, poderíamos reformular: eu acho que há uma concepção forte de filosofia analítica no Brasil, e que muitas pessoas se veem vinculadas a essa tradição, independentemente de onde se formaram, independentemente de se estão pensando nisso a partir do que a gente está chamando de legado ou não. Isso é uma coisa. Outra coisa é se isso faz sentido para o Brasil, ou não, e por trás desta talvez tenha uma outra pergunta de fundo que é: o que é fazer filosofia no Brasil? Nós estamos aqui falando de filosofia colonizada. Quem poderia ser um filósofo analítico brasileiro ou uma filósofa analítica brasileira que a gente pudesse nomear assim, sem uma genealogia colonizada? Acho que tem um trabalho imenso aqui para se fazer para chegarmos a um lugar em que possamos, inclusive, se dar ou não esses rótulos, de acordo com aquilo que possamos ter de mais ou menos colonialidade envolvida. Tem uma discussão imensa sobre o que é a filosofia brasileira, se é que podemos usar esse termo, inclusive. É importante fazer uma espécie de exame de consciência sobre o lugar que a gente quer ocupar ou não, ou o modo como a gente quer rotular isso que a gente está chamando de filosofia analítica. E aí, se quisermos usar esses termos que são legados pela tradição, que é uma tradição colonial, talvez a gente

¹² Karl Sigmund. *Exact thinking in demented times: the Vienna Circle and the epic quest for the foundation of science*. Nova Iorque: Basic Books, 2017.

tenha que usar com as devidas concessões, a partir da nossa localização. Acho que localização é tudo. Tudo é muita coisa, mas, localização é muito importante para qualquer uma das nossas manifestações de posição sobre onde a gente está na filosofia, onde a gente vai estar na filosofia. Eu estava lá em Kirchberg, e alguém veio perguntar, eu não lembro quem foi exatamente, mas alguém da Europa aqui, “Nossa, mas sério que vocês estudam Wittgenstein lá no Brasil? Como assim?” E aí, claro, essa pergunta fez todo sentido. O que um filósofo austríaco está fazendo num país como o Brasil? O que é isso que a gente faz com os filósofos, que é de importá-los para o Brasil sem a devida concessão de localização? Isso é de imediato problemático. Por isso que estou dizendo, que se a gente quiser utilizar esses rótulos, temos de fazê-lo manifestamente conscientes de sua influência colonial sobre o nosso pensamento - o que vale para várias áreas diferentes da filosofia também, claro.

Evelyn - A filosofia analítica parece que sofre um pouco mais disso também, porque muito do que é fazer filosofia analítica depende de a gente ter de escrever em inglês, o que é um grande impedimento também, que acabamos não mencionando mas a barreira do idioma. Tanto para ler os textos, pois muitos não estão traduzidos, porque “hoje em dia todo mundo lê em inglês, não precisa traduzir”, quanto para publicar. Então, a questão de o que é filosofia analítica brasileira, se nem em português você pode escrever, parece que acaba sendo, de certo sentido, contraditório, né? Porque você vai ser uma brasileira escrevendo em outro idioma para que o Brasil não leia o que você está escrevendo. E acho que tem muitas pessoas assim da analítica que estão parando para pensar, né, que sentido faz esse de escrever em inglês para alguém que talvez nem vai ler o meu trabalho.

Janyne - É... E não vai. E não vai. Tive um exemplo agora no evento de novo, que é uma coisa muito interessante. Ninguém nos lê. De novo, ninguém é muita gente. Mas vou nuançar isso. A filosofia que nós fazemos no Brasil é muito pouco conhecida fora, em termos daquilo que a gente poderia chamar de contribuição para a filosofia. Alice Crary, por exemplo, começou a falar, e em um determinado momento ela nomeou várias filósofas que estão trabalhando nessa intersecção entre Wittgenstein e as epistemologias feministas e o movimento mais feminista de esquerda. Ela simplesmente nomeou, e eu achei isso muito interessante, porque ela disse: a gente não tem que só falar que é feminista, a

gente tem que agir como feminista, portanto, uma parte importante dessa atividade de feminista é nomear as pessoas com quem a gente trabalha e com quem a gente aprende. No entanto, todas as referências são do Norte Global. O Norte Global, em geral, não lê o Sul Global. Nem para questões como aquela mais urgente relacionada à emergência climática, que foi uma pergunta, inclusive, que eu fiz para a pessoa que estava apresentando sobre o antropoceno. Questões que têm a ver com o modo como o Sul Global compreende as questões relacionadas às mudanças climáticas e o modo como comunidades indígenas têm pensado sobre isso, o que é fundamental se a gente quiser pensar sobre esse temas. Eles não conhecem os nossos trabalhos. Não conhecem. Não conhecem o trabalho das pessoas que estão pensando sobre isso no Brasil, ou no Sul Global como um todo. Tanto quanto nas outras áreas nas quais parece que a gente o tempo todo está dialogando com essas pessoas, mas essas pessoas não estão dialogando conosco. Esse aspecto colonial foi algo de que eu me dei conta ao longo de todo esse evento. O colonialismo segue muito forte. Aí vou voltar pra questão de como é que a gente usa essas “afiliações”. Porque não poderia ser uma via de mão única. Se a gente quer estabelecer um diálogo com aquilo que a gente está chamando de tradições na filosofia, tradições do cânone ou não, ou expandindo o cânone, ou tanto faz. A gente precisa fazer com que esse diálogo aconteça. Ou então trazer essa colonialidade à tona. Isso é muito importante, porque parece que a gente está o tempo todo fazendo uma espécie de deferência e referência a essas pessoas. Uma referência no sentido de deferência, inclusive, a essas pessoas, mas essas pessoas sequer lêem aquilo que a gente tá fazendo, nem mesmo, talvez, quando a gente publica em seu idioma. Porque nós temos coisas publicadas em idioma estrangeiro, em idioma inglês, em francês. Mas se nem essas coisas as pessoas conseguem fazer, ter como referência, então talvez a gente tenha que repensar, por exemplo, o nosso modo de “afiliação”. E tudo isso para dizer, sinto muito, que embora a gente esteja falando de filosofia decolonial em alguns espaços, o colonialismo segue muito forte. Na filosofia, o colonialismo segue muito forte. Esse modo europeizado ou anglo-saxão de compreender a filosofia aqui, um modo ocidentocêntrico, como diz a Oyěwùmí,¹³ não dialoga conosco. Não¹³ dialoga. Somos nós que estamos falando de filosofia decolonial. Eles seguem coloniais. Acho que esse é um ponto

¹³ Oyěwùmí, Oyèrónké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p.49.

importante. E aí eles seguem coloniais na filosofia analítica. E aí a gente teria inclusive que perguntar pra eles e elas: “Vem cá, vocês não gostariam de conhecer a filosofia analítica que a gente tá fazendo?” “Vem cá, vocês acham que o que a gente tá fazendo é filosofia analítica como vocês compreendem?”

Evelyn - Voltando a pauta: sobre o projeto Uma Filósofa por Mês, organizado pelo GERMINA.¹⁴ O projeto tem sido muito importante e relevante, tanto a nível educacional e acadêmico, como também a nível social, popularizando filósofas que a maioria das pessoas desconhece. Você poderia comentar como foi o surgimento dessa proposta, quais foram e quais são os maiores obstáculos em seu desenvolvimento, bem como suas mais importantes consequências positivas?

Janyne - Na verdade, o projeto surgiu em Santa Maria, de alguma forma. Quando eu me dei conta de todas aquelas lacunas, todas aquelas coisas que me fizeram perceber que eu precisava entender o que estava acontecendo comigo e com as teorias feministas, e fiz aquela repescagem da minha trajetória e me dei conta de que eu não tinha estudado filósofas. Uma das últimas tarefas que eu quis realizar com os alunos lá na UFSM foi de construir um dossiê sobre filósofas. Fiz isso numa disciplina, junto com uma turma. A gente fez um dossiê que era desde a antiguidade até a contemporaneidade, cada um pegou algumas das filósofas espalhadas pela história da filosofia, e a gente montou um dossiê para dizer assim: elas existiram, estão aqui, esses são os primeiros nomes. E aí, depois disso eu fui para UFSC, para Florianópolis, e continuei trabalhando com algumas dessas coisas, já com um grupo mais ou menos instalado de novo ali comigo, com outras pessoas, com um grupo de estudos, enfim, e quis retomar isso com uma pergunta muito ousada que a gente se fez, que veio sempre com o “e se?”, que foi numa das reuniões em que eu falei assim, “e se a gente tratasse de uma filósofa por mês acadêmico?” Que idiotice, né? [Risos] Imagina, a gente nunca vai dar conta. Mas aí começamos a elaborar um projeto que era para ser realizado em 2020, o ano da pandemia. Era para ser presencial, com eventos e workshops presenciais, mas nada disso aconteceu. Então migramos totalmente para o formato online, o que foi, na verdade, tremendamente bom. O primeiro ano foi com as pessoas, com as filósofas que a gente tinha um pouco mais de conhecimento. Depois a gente começou a ampliar, ir para outras regiões, outros momentos da filosofia, enfim, para contemplar o maior número possível de aspectos. Eu acho que a nossa contribuição

¹⁴ <https://germinablog.wordpress.com>.

tem sido muito legal, tanto para a formação de professores, a divulgação junto aos estudantes de filosofia, sobretudo às mulheres na filosofia. Os materiais que a gente produz são necessários nas escolas, porque acho que essa inserção é muito importante para a gente poder ter continuidade depois na universidade. São essas pessoas nas escolas que nós vamos receber lá na graduação, que vão estar nas licenciaturas. Temos recebido feedbacks muito positivos. Eu diria que o maior obstáculo neste momento é o tempo. Talvez, se tivéssemos condições melhores de financiamento para um projeto como esse, as coisas seriam um pouco mais facilitadas, mas não temos.

Evelyn - Ainda sobre esse projeto de expandir as filósofas que a gente estuda em sala de aula, que estratégias você teria para compartilhar com alguma professora ou algum professor que tenha esse interesse de diversificação, de discutir filósofas e outras filosofias não-canônicas em suas aulas? Como que a gente encontra espaço em ementas um pouco engessadas, enfim, começar essa subversão?

Janyne - A Ilze [Zirbel] usa a palavra contrabando. Eu acho ótimo. Eu estou escrevendo um texto sobre a suposta crise do cânone e como ler o cânone não-canonicamente. Parte dessa leitura não canônica é trazer pontos de tensão e pontos de contraponto para dentro das disciplinas, ainda que as disciplinas sejam bem tradicionais e canônicas. Eu estou chamando de ponto de contraponto ou de tensão porque, por exemplo, a gente pode fazer numa disciplina tremendamente tradicional, como uma Introdução à Ética, em que Aristóteles dialogue, por exemplo, com uma filosofia feminista a respeito da Antiguidade que mostre o modo como a sua filosofia, por importante que seja, também era misógina. E aí dá pra continuar lendo Aristóteles numa boa, mas colocando aqui um monte de contrapontos. E dá pra fazer com que filósofas pontuais apareçam nessas disciplinas, né? Sempre vai ter uma filósofa que pode ser colocada numa bibliografia. Sempre. Não tem escapatória, não há desculpa.

E isso não precisa necessariamente ser compreendido como uma ruptura, seja de ementa, seja de referências, porque isso pode ser colocado simplesmente como, justamente, a produção da própria reflexão, do contexto, do ponto de tensão, dos contrapontos. De novo, trazer a localização para dentro da reflexão, que é: bom, se um filósofo disse isso, certamente tem uma filósofa que ou pode ter

concordado ou pode ter discordado ou pode ter ponderado. E dá pra trazer ela pra dialogar com o filósofo também. Acho que isso é uma coisa bem fácil de fazer. Sobretudo porque a gente já tem bastante material, no Brasil, de filósofas que podem ser contrabandeadas para dentro das disciplinas. A ideia de contrabando tem a ver com isso. Acho que essa é uma das estratégias.

A outra estratégia é tentar criar disciplinas específicas onde a gente possa tratar dessas coisas. Tanto sobre a história da filosofia, uma história feminista da filosofia, quanto de questões de gênero em geral. E, ao mesmo tempo, lutar por um tipo de política curricular que torne obrigatórias algumas dessas coisas que a gente tem de disciplina que são agora optativas.

Evelyn - Eu estive na UFRN mês passado e lá uma das colegas que encontrei [Emily Aragão], está cursando o mestrado sob a orientação do Prof. Eduardo Pellejero, que foi meu professor de Estética. Durante a atividade ela contou como o Prof. Pellejero compôs o plano de curso dele, incluindo filósofas como Susan Sontag e Susan Buck-Morss e eu fiquei pensando “Nossa! Essa não foi a disciplina que eu cursei com ele!”. A gente leu só Kant, Schopenhauer, Schiller, Walter Benjamin, e esses fulanos todos, nenhuma filósofa. Mas agora ele contrapõe esses autores com várias autoras, e ele fez isso em colaboração com Emily, que estava realizando estágio em docência. Fiquei bem feliz em saber dessa reformulação do plano de curso, depois de uns mais de 10 anos que cursei essa disciplina; não precisou de séculos.

Janyne - Não. É assim ó: é só ter um pouquinho de boa vontade. Um pouquinho de boa vontade. A desculpa esfarrapada que não tem material, é esfarrapada mesmo. Há muito material sendo produzido sobre filósofas. Fora, mas no Brasil também. “Ah, eu nunca estudei sobre isso”. Eu também não! Estou correndo atrás. Essa desculpa de “Ah, mas não faz parte da minha formação”, outro dia eu ouvi isso. Aí eu falei, eu também não! Não foi minha formação. Eu corri atrás *mô quirido!*¹⁵

Evelyn - Por fim, você poderia compartilhar como tem sido a sua experiência no papel institucional de presidenta da ANPOF e qual é a perspectiva do mandato de vocês?

Janyne - Temos a intenção (vou falar no plural porque eu não estou sozinha, né?) de fazer com que a ANPOF possa trazer a discussão de gênero para dentro da

¹⁵ Expressão manezinha.

institucionalidade da filosofia. A começar por algumas iniciativas de protocolo. Em breve teremos ao menos a construção de enfrentamento a discriminações, à questão de gênero, que possam nos ajudar tanto em relação aos GTs, aos encontros e à pós-graduação. Eu acho que isso pode ser uma contribuição muito importante da ANPOF para esse movimento de um horizonte mais democrático, mais plural dentro da filosofia. E acho que a gente precisa falar sobre essas questões de enfrentamento. Então, acho que será uma contribuição importante. E a gente quer realizar isso no Encontro. Não só mostrar o protocolo, quer realizar isso no Encontro. A ideia é que o Encontro seja o mais diverso, plural, democrático possível, o mais sustentável possível, o mais aberto, que leva em consideração as pautas de diferentes grupos que estão na filosofia e que têm feito demandas na filosofia. Então, acho que essa é uma coisa que vamos tentar realizar o máximo possível no próximo encontro (de 2026). E, para mim, isso é importante porque palavras não bastam. E talvez ocupar a presidência nesse sentido seja interessante também, porque pelo menos eu tento fazer com que as minhas ações não sejam diferentes das minhas palavras. Então, acho que isso é importante. Não é só falar, é fazer com que isso aconteça. Nesse sentido, temos uma preocupação de que essas coisas aconteçam efetivamente no próprio evento, no nosso encontro no ano que vem.

Tem sido desafiador em termos de tempo, de novo. Outro dia, lá no GT de Filosofia e Gênero, estávamos falando sobre modos futuros de coabitar a terra, e a questão do tempo surgiu nossa reflexão. Acho que a gente precisa de um outro tempo também pra pensar. [Risos] Fecha o parênteses. É um desafio de tempo, mas ao mesmo tempo ele é um desafio interessante, porque veja, o lugar da ANPOF é um lugar muito político. A ANPOF tem um lugar institucional que consegue efetivamente realizar poucas mudanças em termos institucionais. Porque o estatuto da ANPOF como tal, não é um estatuto de agência como a CAPES, como o CNPq. Então, é um lugar, na verdade, político, um lugar de luta política, de fazer com que pautas cheguem em outros lugares, em outros agentes, inclusive na CAPES e no CNPq. E aí isso é interessante, porque me parece que politizar a própria ANPOF é muito importante também nesse caso.

Evelyn - Sim, e também parece que incluir o ponto de vista dos estudantes, além dos professores, parece necessário. Parece que as demandas dos estudantes,

que talvez antes não tinham espaço para compartilhar suas demandas, ao longo desses últimos anos tem se aberto mais a dialogar com a instituição.

Janyne - E não à toa, a gente tem uma comissão de estudantes, que a gente tem ouvido, escutado. A função das comissões é essa, na verdade, falar para que a gente possa atender na medida do possível. Tem estudantes, por exemplo, pensando na comissão sobre como realizar certas coisas em termos de uma discussão sobre saúde, saúde mental, o que afeta direta e efetivamente os estudantes; e modos de realização das demandas dos estudantes nos eventos. A gente está na escuta, e eu vou fazer o máximo possível de abertura de escuta para tentar mudar um pouco esse cenário.

Evelyn - Com isso, encerramos. Agradeço enormemente sua disponibilidade e seu tempo em realizar a entrevista!